

## TRABALHOS DO CURSO DE DOUTORADO

### A origem vocabular e o conceito histórico de bandeira

*Johannes Dietrich Hecht*

*(No primeiro semestre do Curso de Doutorado do ano letivo de 1955, na cadeira de História do Direito Nacional, o respectivo titular, professor WALDEMAR FERREIRA, prelecionou sôbre as bandeiras paulistas de caça ao índio e de cata ao ouro, assim pelo prisma histórico, como, e principalmente, pelo social, econômico e jurídico.*

*Não sômente examinou o problema, indagando da natureza jurídica das bandeiras, mercê de sua finalidade econômica. Mais ainda, tratou de situar e conceituar os diversos atos e contratos preparatórios das bandeiras. Por igual, os praticados no decurso delas em plenos sertões, quanto os delas originários depois de retornadas ao planalto de São Paulo do Campo de Piratininga.*

*Como o Curso de Doutorado é de investigação científica e os alunos são obrigados a elaborar trabalhos ao fim do semestre, sugeriu-lhes teses decorrentes da matéria prelecionada, a seguir enunciadas. As causas subjetivas, geográficas e econômicas do bandeirismo paulista. A bandeira em sua origem vocabular e histórica. As entradas defensivas e sua conversão nas bandeiras de apresamento de índios. A formação orgânica e financeira das bandeiras. O objetivo econômico e financeiro das bandeiras. Os poderes e atribuições dos capitães de bandeiras. A vida jurídica na bandeira em marcha no sertão. O capítulo dos delitos e das penas no decurso das entradas bandeirantes. A captura das peças e sua partilha entre os sertanistas. As diversas espécies de bandeiras e as monções.*

*Não poucas dessas teses foram aproveitadas para dissertações apresentadas, além de outras escolhidas pelos próprios autores.*

*Aqui se reproduzem três delas, na expectativa da publicação de outras no subsequente exemplar desta revista.)*

I. Um pouco de etimologia. — II. Um pouco de semântica. — III. Quadro das várias acepções de bandeira. — IV. Por que se deu o nome de bandeiras às expedições dos sertanistas? A bandeira da bandeira. — V. Bandeira e o derivado bandeirante nos documentos da época. A sinonímia concorrente. — VI. Conceito histórico de bandeira.

I. Regista o *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*, de ANTENOR NASCENTES, (1), que *bandeira*, segundo a lição de ADOLFO COELHO (2) e J. J. NUNES (3), vem do latim hipotético *bandaria*, “calcado no radical germânico que deu *banda*” É este, sem dúvida, o único étimo suscetível de redução à forma atual corrente, na conformidade das leis fonéticas conhecidas. *Bandaria*, cumprindo o seu destino, evoluciona depois na boca do povo para *bandaira*, por hipértese, e *bandeira*, por metafonia.

Menos acertadamente, MEYER-LÜBKE (4) “tira o português, o espanhol e o italiano do francês *bannière*, que deriva do francês supositivo *banna*, sinal”, esquecido quicá dos títulos mais antigos que garantem a *bandière* (5), fran-

---

(1) ANTENOR NASCENTES, *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*, 1955

(2) FRANCISCO ADOLFO COELHO, *Dicionário Manual Etimológico da Língua Portuguesa*, 1890

(3) JOSÉ JOAQUIM NUNES, *Compêndio de Gramática Histórica Portuguesa*, 1919

(4) WILHELM MEYER-LÜBKE, *Romanisches Etymologisches Wörterbuch*, 1911 a 20.

(5) Consulte-se a respeito o *Dictionnaire de l'Académie Française*, edição de 1932, onde, no verbete competente, *bandière* vem abonado com inúmeros exemplos de linguagem castiça.

cês também e da gema, a consideração devida aos sujeitos de mais dilatada idade. A aceitar-se o voto do mestre de Bonn, ficaria atravancando o progresso dos entendidos uma dificuldade: como foi que se operou a dissimilação do grupo *nn* na matriz invocada? De *bannière* teríamos, na verdade, coisa nunca diferente de *baneira*, ou, quando muito, *banheira* <sup>(6)</sup>...

Pelo que respeita à ascendência remota da palavra, chave em cuja posse deve estar quem queira descobrir o seu núcleo expressivo originário, vale a pena passar revista aos ensinamentos dos doutôres na matéria. STAPPERS <sup>(7)</sup> apela para o gótico *bandva* <sup>(8)</sup> ou *bandvo*. A Academia Espanhola <sup>(9)</sup> faz descender *bandera* de *banda*. PETROCCHI <sup>(10)</sup>, na sua modéstia de sábio, contenta-se em ligar *bandiera* a *banda*, não se aventurando mais ao longe por razões ponderáveis de cautela, requisito primeiro de tais estudos.

---

(6) "*Honi soit qui mal y pense*". Não se estranhe em demasia a proposição. Estaríamos, na espécie, em face de uma palatização, consistente na passagem da nasal (*n*), por influência do *i* próximo, a *nh*.

(7) HENRI STAPPERS, *Dictionnaire Synoptique d'Etymologie Française*, sem data

(8) A. (?) ERNOUT e ANTOINE MEILLET, no *Dictionnaire Etymologique de la Langue Latine* (sem indicação de data), consignam a existência de um latim *bandus*, *i*, substantivo masculino da segunda declinação, que os glosadores cunharam sôbre molde germânico — o gótico *bandwa*, equivalente ao romano *signum*. Acêrca de *signum* abunda em observações de interêsse imediato e oportunnissimas o *Lateinisch-Deutsches Schulwörterbuch*, dado à estampa em 1903, de *Karl Ernst Georges*.

(9) *Diccionario de la Lengua Castellana por la Real Academia Española*, 1925

(10) POLICARPO PETROCCHI, *Novo Dizionario Scolastico della Lingua Italiana*, 1918

Do exposto, somado ao exame atento dos léxicos <sup>(11)</sup>, se infere que, em princípio, *bandeira*, *banda* e *bando* são sinônimos, frutos da mesma cepa diversificados hoje semanticamente; e mais que no fundo de cada um desses três poços jaz insuspeitada a idéia de vínculo, de liame, de laço, quer em sentido real, quer em sentido figurado.

II. O nome *bandeira*, focalizado à luz do processo histórico-semântico, tem servido para designar conceitos aparentemente os mais desencontrados.

Na fala hodierna confunde-se, por via de regra, com pendão, estandarte, flâmula, dando a entender uma fazenda, recortada de certa forma, quase sempre retangular, e coberta de côres, figuras e, não raro, dizeres, com que se distinguem as “coletividades” de qualquer espécie, públicas ou privadas, umas das outras. Um pedaço de pano, define-a o *Pequeno Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa* <sup>(12)</sup>. um “pedaço de pano, hasteado num pau, e distintivo de nação ou corporação”. E *Der Neue Herder* <sup>(13)</sup>: Um “pedaço de pano, característico pelas côres, figuras e simbolos que ostenta, fixado numa hástea, para significar um poder ou um ajuntamento de homens”. Como todo poder se funda na união de muitos em tórno de um ou de alguns, que o exercem e afirmam <sup>(14)</sup>, logo se vê que não difere em nada esta definição das anterio-

---

(11) Veja-se ainda uma vez ANTENOR NASCENTES obra citada, no ponto em que trata de *banda* (tira): “do germânico *binda*, coisa que liga, fita, alemão moderno *Band*, gótico *bandi*, laço”; bem assim no em que se ocupa de *bando*: “de *banda*, no sentido de insígnia; próprio, gente que segue as mesmas insígnias, as mesmas bandeiras”.

(12) HILDEBRANDO LIMA, GUSTAVO BARROSO e outros, *Pequeno Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa*, 1943.

(13) *Der Neue Herder*, 1949

(14) O “todo poder emana do povo” do artigo 1.º da *Constituição Brasileira de 1946* (idêntico ao artigo 1.º da *Constituição Alemã de 1919*, mais conhecida como a *Constituição de Weimar*) não constitui *em si* novidade moderna. O que constitui novidade

res. Apenas põe à vista o que aquelas guardam encober-to. Inovar, não inova.

Não se pense, todavia, que se esgota aí todo o seu rico manancial significativo. Vocábulos há assim que o vulgo vai plasmando no decurso dos séculos nas oficinas secretas do seu espírito. Gerações sucessivas trabalham neles com o mesmo amor com que artistas ignorados nos séculos quinto, treze e dezesseis trabalharam no retábulo da *Madona de Santa Maria Nuova*, em Roma. Quem não conhece a história dessa imagem, ou, antes, dessas três imagens superpostas, presentes na mesma tela e cuja beleza sem par Pico Cellini revelou ao mundo? Nenhuma das três deixa de representar a mesma Madona e, não obstante, cada urna das três acrescenta à anterior alguma coisa nova: um traço, uma prenda, um mimo nunca dantes imaginados. Tais as palavras na sua trajetória através do tempo e do espaço. Nascem como nasce tôda criatura. Vivem como vive tôda criatura. Morrem como morre tôda criatura. Tôda palavra que nasce é uma idéia em um ser. Tôda palavra que morre é nenhuma idéia em nenhum ser. Mas entre o nascer e o morrer, entre o berço e o túmulo, entre o sim absoluto do primeiro dia e o não absoluto do derradeiro, entre o acender e o apagar das luzes da vida, novas substâncias — idéias novas, emoções novas — se lhe irão agregando, à semelhança dos alimentos de que se nutre e engrandece o organismo vivo. E crescerá. Crescerá nas mãos e nos lábios dos homens, talvez para muito além do alcance dos homens. Crescerá no meio de todos os silêncios, crescerá no meio de todos os tumultos, como se fôra, no seu ímpeto avassalador, exatamente aquilo que não é. Crescerá. Crescerá. Crescerá. Muitos, diante do seu vulto, quedar-se-ão espantados a contemplar as suas proporções de colosso: examinarão as suas dobras para espiar o

---

é o fato do povo haver adquirido a consciência de que todo poder emana dêle. Confirmando a assertiva, aí está a história da civilização, de 1789 a 1955.

que escondem; apalparão os seus lados para gravar na própria carne subjacente ao cérebro a memória da sua possança; tocarão, estremecerão, comprimirão, ainda que impudicamente, os seus membros distendidos entre o céu e a terra, de infinito a infinito, por tôda a extensão do cosmos, para possuí-la, afinal, na sua intimidade. E todos os que dela se acercarem, proclama o profeta, a chamarão uma das maravilhas do universo: a maior, sem dúvida. A única, quiçá.

III. Eis esquematizadas as várias acepções de *bandeira*:

1) Símbolo de um vínculo — A matéria comporta desdobramento.

a) Símbolo de um vínculo pessoal — Pode ler-se em SCHRÖDER<sup>(15)</sup>, HEILFRON<sup>(16)</sup> e FEHR<sup>(17)</sup> que, na Idade Média alemã, no ato da investidura de algum leigo num principado, recebia o novo príncipe uma bandeira. Aos clérigos, em tais ocasiões, conferiam os reis anel e báculo. O anel e o báculo (ninguém o ignora) são símbolos essencialmente eclesiásticos. O anel exprime a aliança contraída pelo bispo com o seu rebanho. O báculo, reminiscência do cajado ou bastão do pastor, faz patente aos olhos a autoridade de quem governa o rebanho. Não compete, portanto, aos senhores dêste mundo outorgá-los. Por isso, a Concordata de Worms, de 1122, aboliu o sistema até então vigente em relação aos ministros de Deus, substituindo-se a *investitura per anulum et baculum* pela *investitura per sceptrum*. Continuou, no entanto, a bandeira a ser entregue nos demais casos, e passaram a classificar-se os feudos daí por diante em feudos de cetro (*Zepterlehen*) e feudos de bandeira (*Fahnlehen*), conforme fôssem ou não súditos também do Papa os seus titulares.

---

(15) RICHARD SCHRÖDER, *Deutsche Rechtsgeschichte*, 1920

(16) EDUARD HEILFRON, *Deutsches Recht*, 1921.

(17) HANS FEHR, *Deutsche Rechtsgeschichte*, 1921

b) Símbolo da guerra, da fôrça alicerçada num vínculo social — A propósito de *bandeira* diz o velho MORAIS <sup>(18)</sup>: “insignia militar; é uma peça de lenço, ou seda, com pinturas, armas, talvez quarteada de várias côres, para se conhecerem, e ajuntarem a ela os soldados, que vão debaixo dessa bandeira, ou pertencem à Companhia do Chefe, cuja é a bandeira”.

Os romanos tiveram bandeiras simbolizando guerra <sup>(19)</sup>. Assim: o *signum* <sup>(20)</sup> das legiões, das coortes e dos manípulos (*Digesto* 4, 6, 46; *ibidem* 22, 3, 6; *Códice* 12, 42, 1; *ibidem* 12, 45, 1, 2; *ibidem* 12, 30, único, 1); o *vexillum* dos manípulos, da cavalaria (*ala*) e dos aliados (*socii*) (*Códice Teodosiano* 9, 26, 4); o *labarum* <sup>(21)</sup> dos exércitos imperiais (*Códice* 12, 18, título).

---

(18) ANTÔNIO DE MORAIS SILVA, *Dicionário da Língua Portuguesa*, sem data.

(19) KARL ERNST GEORGES, obra citada, e E. (?) SECKEL, *Heumanns Handlexikon zu den Quellen des römischen Rechts*, 1914

(20) Identificado por MEILLET, obra citada, com o *bandus* dos glosadores.

(21) “*It is described as a long pike intersected by a transversal beam. The silken veil which hung down from the beam was curiously inwrought with the images of the reigning monarch and his children. The summit of the pike supported a crown of gold, which enclosed the mysterious monogram, at once expressive of the figure of the cross and the initial letters of the name of Christ. The safety of the labarum was intrusted to fifty guards of approved valour and fidelity; their station was marked by honours and emoluments; and some fortunate accidents soon introduced an opinion that as long as the guards of the labarum were engaged in the execution of their office they were secure and invulnerable amidst the darts of the enemy. In the second civil war Licinius felt and dreaded the power of this consecrated banner, the sight of which in the distress of battle animated the soldiers of Constantine with an invincible enthusiasm, and scattered terror and dismay through the ranks of the adverse legions. The Christian emperors, who respected the example of Constantine, displayed in all their military expeditions the standard of the cross; but when the degenerate successors of Theodosius had ceased to*”

*Bannière* (variante de *bandière*), ensina o já citado *Dictionnaire de l'Académie Française*, “*signifiait particulièrement autrefois l'Enseigne que le seigneur de fief avait droit de porter à la guerre et sous laquelle se rangeaient les vassaux qu'il y conduisait*”.

O *Banner*, também, *Panier*, germânico (do francês *bannière*) evoluiu de imagem do deus da guerra em insígnia militar do comandante das tropas. Foi, a princípio, exclusividade do rei; na época francônia estendeu-se o direito de desfraldá-lo aos senhores feudais e aos latifundiários; e, no ocaso da Idade Média, aos vassallos mais graduados <sup>(22)</sup>.

c) Símbolo de um ajuntamento, de um vínculo coletivo — É nesta acepção que o termo corre nas conversas diárias de hoje. Da sua antiguidade dá testemunho o texto bíblico: “Os filhos de Israel acampar-se-ão ao redor do tabernáculo do testemunho, divididos em turmas, cada uma debaixo das insígnias e dos estandartes das suas famílias, e das suas casas”. (Números 2, 2) <sup>(23)</sup>.

2) Vínculo, ajuntamento — MORAIS fornece um exemplo da sua época: “Companhia, de algum Oficial, que a tem”.

O *Pequeno Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa* fornece três da nossa: “Passeata religiosa, realizada à noite, em honra de um santo, da qual faz parte um banho em rio ou em lagoa.”

---

*appear in person at the head of their armies, the labarum was deposited as a venerable but useless relic in the palace of Constantinople.*” EDWARD GIBBON, *The Decline and Fall of the Roman Empire*, sem data

(22) *Der Grosse Herder*, 1931 a 1935

(23) PADRE ANTÔNIO PEREIRA DE FIGUEIREDO, *Bíblia Sagrada contendo o Velho e o Novo Testamento*, 1950. “Como eram êsses pavilhões (*Banner, Feldzeichen*) dos hebreus não sabemos.” PADRES EUGEN HENNE e KONSTANTIN RÖSCH, *Die Heilige Schrift des Alten und des Neuen Testaments*, 1934. O problema, de fato, é de difícil elucidação.



“Na Bahia, reunião de canoas vindas do mesmo lugar, no interior, e que conduzem o cacau das fazendas para o pôrto de embarque.”

Finalmente, na Paraíba, *bandeira* vale o mesmo que *adjunto*. Por *adjunto*, entendem os de Pernambuco uma “reunião de vizinhos para a prestação de determinados serviços da pequena lavoura”. Um substantivo coletivo, portanto. Correspondem-lhe as seguintes outras denominações disseminadas pelo Brasil: *adjutório*, no Sergipe e na Bahia; *ajuri*, no Amazonas; *ajutório*, no Rio Grande do Sul; *batalhão*, na Bahia e no Sergipe; *boi de cova*, na Bahia; *côrte*; *mutirão*; *mutirom*, *mutirom*, no Pará; *muxirão*; *muxirom*; *pixurum*, no Rio Grande do Sul; *putirão*, *putirom*, *putirom*, no Pará; *puxirão*, no Rio Grande do Sul; *puxirom*, no Pará; *traição*, no Mato Grosso.

IV. “Por que se deu o nome de *bandeiras* às expedições dos sertanistas?” Tanto a pergunta que foi como a resposta que vai a seguir pertencem a ALCÂNTARA MACHADO (24). “Com a prudência que lhe é peculiar, o sábio CAPISTRANO recorda, a propósito, a usança tupiniquim de alçar uma bandeira à guisa de declaração de guerra. Não será impertinência lembrarmos também que, nas emprêsas de caráter militar mais acentuado e de maior importância, os expedicionários iam classificados em companhias, e cada companhia levava o seu pendão.

“Dizem-o das fôrças que assaltaram em 1629 as missões de Guairá e Igarassu, os autores da *Relación de los Agravios* (25), sublinhando que as bandeiras hasteadas pelos paulistas não mostravam as armas de El-Rei, mas outros sinais diferentes.”

---

(24) JOSÉ DE ALCÂNTARA MACHADO, *Vida e Morte do Bandeirante*, sem data

(25) Padres Justo Mansilla van Surck e Simão Mazzeta (também escrito, às vezes, Maceta).

VICENTE TAPAJÓS <sup>(26)</sup>, mais recentemente, dissertando sobre o assunto, adverte: “O termo “*bandeira*” é de explicação mais duvidosa <sup>(27)</sup>. Para uns, originou-se do fato de algumas expedições levarem uma bandeira. Para outros, de irem os sertanistas reunidos em bandos. Para CAPISTRANO DE ABREU, o termo provém, talvez, do costume tupiniquim de levantar uma bandeira em sinal de guerra.”

Tôdas as teorias aventadas são perfeitamente admissíveis, na falta de dados mais concretos que erijam uma delas em absoluta, excludente das demais.

Assim a teoria segundo a qual o termo tem a sua origem no fato de “irem os sertanistas reunidos em bandos”; com efeito, — e isto é coisa sabida —, *bandeira* e *bando* são sinônimos, “frutos da mesma cepa”, desenvolvimentos do mesmo étimo expressivo de vínculo, de liame, de laço, quer em sentido real, quer em sentido figurado, obscurecido pela diversificação semasiológica hoje evidente.

Assim a teoria segundo a qual o termo tem a sua origem no fato de que “os expedicionários iam classificados em companhias”. De acôrdo com MORAIS, era precisamente *bandeira* a denominação que davam, na época, à “Companhia, de algum Oficial, que a tem”, e, quiçá, à de particulares, não oficiais, que tivessem a sua.

Assim a teoria segundo a qual o termo tem a sua origem no fato de os tupiniquins exteriorizarem os seus intuitos guerreiros, exibindo uma bandeira. Inegavelmente, a bandeira sempre foi, entre todos os povos, desde a mais remota antiguidade, uma insignia militar, o símbolo por excelência da guerra, que, tal como ela, voa, soltos os cabelos ao açoite dos ventos, em cata da prêsa inimiga.

---

(26) VICENTE TAPAJÓS, *História do Brasil*, 1954.

(27) Em confronto com *entrada*, cuja explicação o autor considera menos duvidosa. “O termo “*entrada*”, com essa significação, já é utilizado, desde muito, em documentos oficiais portugueses. Até mesmo na carta de Caminha podemos encontrá-lo.”

Assim, finalmente, a teoria segundo a qual o têrmo tem a sua origem no fato de que “cada companhia levava o seu pendão”, símbolo, sinal visível do elo que encadeava uns aos outros os seus componentes. Não escasseiam no corpo da língua outras metonímias que tais, tropos em que se põe o símbolo pela coisa simbolizada, pela coisa que êle representa.

“Quanto à bandeira que os paulistas levam. . .” — escreve o inolvidável BELMONTE <sup>(28)</sup>: “No comêço do século, em 1603, não existe em São Paulo nenhuma bandeira da cruz da Ordem de Cristo, dos domínios ultramarinos de Portugal. No dia 4 de janeiro dêsse ano, o procurador do Conselho requer *que se ajunte o povo para pedirem ao povo dinheiro para uma bandeira, porque não há na vila, nem o Conselho tem dinheiro para isso.*

“Se a Câmara não possui uma bandeira, *nem tem dinheiro para isso*, não admira que, pelo menos no início do século, os paulistas levem ao sertão outros pendões que não o das quinas. Os Padres Justo Mansilla e Simón Maceta, na ruidosa “*Relación de los agravios*”, afirmam que, quando os paulistas investiram contra as reduções jesuíticas de Guairá e Iguaçú, “*las vanderas que levaban no tenían las armas del Rey sino otros señales diferentes*”.

“Que sinais ou insígnias serão? O Padre Vasques Trujillo, provincial do Paraguai, em carta que escreve a Filipe IV, em 12 de junho de 1632, afirma que os bandeirantes não o reconhecem como rei, pois têm um soberano próprio, cujas insígnias e brasões êle viu nas bandeiras que os invasores levavam. Embora o informe possa ser verdadeiro, não está de acôrdo com a relação da viagem que o governador Valverde faz, em 1657, aos *pueblos* jesuíticos do Paraná, nem com a carta do Padre Miguel Gomes, datada de 1651, os quais viram, entre os troféus tomados aos

---

(28) BELMONTE (BENEDITO BASTOS BARRETO), *No tempo dos Bandeirantes*, sem data

bandeirantes na refrega, uma bandeira com a efigie de Santo Antônio.

“É possível, contudo, que os cinco estejam certos e que, na legião de Raposo Tavares houvesse mais de uma bandeira — justa compensação ao fato de, nas *Atas* e nos *Inventários*, não se encontrarem senão raríssimas referências ao pendão bandeirante.”

V. *Bandeira*, bem como o derivado *bandeirante* (de *bandeirar*), aparecem relativamente tarde na documentação oficial da terra e de fora. Ao parecer de BELMONTE<sup>(29)</sup>, “a primeira vez a empregar-se o termo *bandeira*, no planalto, na sua acepção de tropa sertanista, é o requerimento que os oficiais da Câmara de 1612 enviam ao governador da Capitania, queixando-se da ação draconiana do administrador Mateus da Costa Aboim:

“ .. o dito administrador os aveza com excomunhões sendo a jurisdição real de sua magestade e sua justiça não indo contra a ninguém nem levantam bandeira. .”

Longe dos campos de Piratininga, através de pesquisas pacientes, foi o termo localizado por AFFONSO DE TAUNAY<sup>(30)</sup> em mais de uma fonte preciosa. “*Bandeira* é empregada pelo Govêrno interino, sucessor de Barbacena, a 20 de fevereiro de 1677, a relatar que os índios do vale de São Francisco haviam “*degolado várias bandeiras de paulistas*”. Uma consulta do Conselho Ultramarino, em 1676, relativa a Sebastião Pais de Barros e à sua expedição, fala da sua “bandeira” “como êles (os paulistas) lhe chamavam”. Também lançou mão do vocábulo o Padre Altamirano, em 1679, ao reportar-se, meio século antes do padre refe-

---

(29) BELMONTE, obra citada

(30) AFFONSO D'ESCRAGNOLLE TAUNAY, *História das Bandeiras Paulistas*, sem data, e *História da Cidade de São Paulo*, igualmente sem menção de data. Esta última traz melhores informações que aquela nesta matéria de nomes.

rido na obra de ALCÂNTARA MACHADO <sup>(31)</sup>, às “*banderas de certonistas*”.

“Da palavra *bandeirante*”, continua o mestre da historiografia paulista, “o mais longínquo emprêgo que lhe conhecemos é muito mais recente. Vêmo-la num documento assinado pelo Capitão-General Conde d’Alva em 1740.” Nele alude D. Luís de Mascarenhas aos “bandeirantes” de uma *bandeyra*” despachada contra os índios Pinarés. “Impressa parece ter sido pela primeira vez, em 1817, por AIRES DE CASAL.”

Ao lado de *bandeira* e *bandeirante* e com o mesmo significado, outros têrmos, muito em voga nos documentos da época, vicejaram. “Digo eu Braz Gonçalves o moço morador na villa de S. Paulo que devo a Braz Mendes treze cruzados em dinheiro de contado os quaes lhe paguei em vindo desta *entrada* que faz Nicolau Barreto capitão”. “Saibam quantos esta cédula de testamento virem que no anno de Nosso Senhor Jesus Christo de mil seiscentos e quarenta e oito annos em os quinze dias do mez de maio neste porto de Pirapitingy estando para me embarcar a fazer uma *viagem* rio abaixo. ” “Estando eu Antonio de Almeida Lara em meu perfeito juizo para fazer *viagem* para o sertão. ” “Peço ao Anjo S. Miguel e ao santo do meu nome e ao Anjo da minha guarda me queiram acompanhar e livrar dos demonios amen e por não saber da morte nem da vida desta *viagem* que vou fazer aos Guayanazes. ” “Eu Belchior Carneiro estando de *caminho* para fora. ” “Estando eu Matheus Leme com todos os meus cinco sentidos e juizo perfeito e por estar de *caminho* para o sertão. ” “*Guerra* é o têrmo empregado, quando o autorizam o porte e o caráter mais ou

---

(31) ALCÂNTARA MACHADO, obra citada: “Só em 1726 um documento do Padre João Gomes, superior da missão jesuítica de Paranaguá, menciona o fato do povoador de Laguna ter despedido uma *bandeira* com trinta pessoas, cujo cabo é João de Magalhães, a povoar o Rio-Grande.”

menos oficial do empreendimento”, afirma ALCÂNTARA MACHADO, e arrola como exemplos de tais expedições a *guerra* de Jerônimo Leitão, a *guerra* da Parnaíba, “a *guerra* a que ora vamos com o sr. João Pereira de Sousa capitão”. “*Frota*”, segundo AFFONSO DE TAUNAY, em *História das Bandeiras Paulistas*, “tornou-se inapagável para recordar a bandeira de João de Magalhães no Rio Grande do Sul.” *Armação* foi o nome que puseram nas incursões do bravo Antônio Pedroso. *Jornada* é outra denominação que aparece de vez em quando. Gorbalan, governador do Paraguai, menciona, em 1681, a presença naquelas paragens de “*compañias* de los mamalucos de San Pablo”, disseminadoras de terror e estragos sem conta. *Descobrimento* e *conquista* são palavras que entram a circular muito posteriormente, na fase da mineração. *Apud* AFFONSO DE TAUNAY, “dêle (de Francisco Dias da Silva) diz PEDRO TAQUES que “se fez opulento de arcos cujos índios conquistou, com armas de sertão, e gostando desta guerra tornou para a mesma *conquista*, e no sertão dos Patos e Rio S. Francisco para o Sul até o Rio Grande de São Pedro”. A Domingos Jorge conferiu Matias da Cunha, em 1688, a patente de “Governador da gente da *conquista* dos Bárbaros do Ryo Grande” em consideração “a seu grande valor, experiência do gentio, prudência militar e mais qualidades nele concorrentes além da modéstia com que, sem falar de sua pessoa, procurava a honra dos seus oficiais”. *Maloca* é de cunho nitidamente hispano-americano e não teve curso, ao que tudo indica, entre os “portuguêses de São Paulo”. Os autores da *Relación de los Agravios* apontam Manuel Preto como “gran fomentador auctor y cabeza de todas estas entradas y *malocas*”.

“Designando-se a si próprios chamavam-se os bandeirantes “*calções de couro*”, nome que figura em nossa toponímia nacional em rio e serra de Goiás”, informa TAUNAY. Os espanhóis da América, para os sertanistas usavam *sertonistas* ou *sertones* e, mais comumente, expressões pe-

zorativas. Em 1628 o Padre Luís Ernot denunciava como principais *maloqueros* Antônio Raposo Tavares, Frederico de Melo Coutinho, seu irmão Manuel, Manuel Pires, sogro de Raposo, João Pires, Antônio Pedroso (de Alvarenga, provavelmente), Antônio Álvares, Álvaro Neto, Dom Francisco Rendon, este último castelhano, aliás. A André Fernandes qualificam os seus inimigos, os jesuítas, de “famoso *cossario*, grande matador y desolador de yndios”. *Cossario* (corsário, pirata), por sinal, não deixa de ser freqüente.

VI. Definem-se as bandeiras: expedições eminentemente paulistas, distintas das entradas, com organização militar e intuitos mercantis, as quais expedições, a partir do século XVII, foram demandando o sertão.

*Expedições eminentemente paulistas* — “Muita gente, quando se fala em bandeirantes, pensa logo nos paulistas. São quase sinônimos, o que é um tanto forçado.

“De fato, foram os “*paulistas*”, mamelucos de São Vicente, de Santo André e de Piratininga, os que mais se dedicaram ao sertanismo.

“Não foi, entretanto, tarefa sua exclusiva. Houve igualmente bandeiras baianas, pernambucanas, maranhenses e até amazônicas.

“CAPISTRANO DE ABREU, segundo se lê no *Retrato do Brasil*, de PAULO PRADO, fez interessante esquema dos roteiros seguidos por tôdas essas bandeiras:

“a) bandeiras paulistas, ligando o Paraná ao Paraguai e pelo Guaporé, Madeira, Tapajós e Tocantins atingindo o Amazonas (o Xingu, pelas suas más condições de navegabilidade, nunca foi freqüentado);

“b) bandeiras paulistas, ligando o Paraíba ao São Francisco, ao Parnaíba e Itapicuru, até o Piauí e Maranhão por um lado;

“c) bandeiras paulistas, ligando o São Francisco, o Doce, o Paraibuna, ao Paraíba do Sul, galgando a serra dos Órgãos, para terminar na Guanabara;

“d) bandeiras paulistas entre a serra do Mar e o Paraná, tôdas elas atravessando o Uruguai para o Rio Grande do Sul;

“e) bandeiras baianas, ligando o São Francisco ao Parnaíba, e chegando ao Maranhão pelo Itapicuru;

“f) bandeiras baianas, ligando o São Francisco ao Tocantins;

“g) bandeiras baianas, que indo do Serro e Minas Novas, procuravam o Rio pelo caminho da terra do ouro;

“h) bandeiras pernambucanas entre o Capiberibe e a serra de Ibiapaba, muito menos importantes que as duas anteriores, traçadas a menor distância do litoral, pelo sertão “de fora” recebendo muita gente diretamente do litoral, subindo os rios que nele desembocam;

“i) bandeiras maranhenses, de pouco alcance, ligando o Itapicuru ao Parnaíba e São Francisco, e o Parnaíba às terras aquém de Ibiapaba;

“j) bandeiras amazônicas, que pelo Madeira se ligaram às de São Paulo, alcançaram os limites do Javari e ocuparam a Guiana.” (32)

*Distintas das entradas* — “As diferenças entre “*entradas*” e “*bandeiras*” são quase imperceptíveis... Querem uns historiadores que as entradas tinham por motivo a procura de pedras e metais preciosos, enquanto as bandeiras penetravam no sertão à caça de selvagens para escravizar.

“O mais acertado, porém, é dizer com o prof. BASÍLIO DE MAGALHÃES (na *Expansão geográfica do Brasil colonial*) que as primeiras obedeciam a uma organização oficial, ao passo que as últimas foram promovidas principalmente por particulares.

“Não é regra absoluta. Houve bandeiras custeadas e armadas pelo próprio govêrno colonial, como houve entradas feitas por iniciativa privada. Foram quase exceção, porém. Dão alguns historiadores como época das bandeiras

---

(32) VICENTE TAPAJÓS, obra citada



ras os séculos XVII e XVIII, e das entradas, o século inicial.” (32)

“A bandeira”, acrescenta CASSIANO RICARDO (33) “é que influiu de verdade na nossa expansão geográfica. A entrada é a que se restringiu aos primeiros caminhos, abrindo as primeiras portas do sertão trancado. Talvez se pudesse dizer que as “entradas” abriram caminhos, mas não alteraram o Brasil tal como êle nos havia sido traçado a régua, pelo meridiano de Tordesilhas, que ia da foz do Amazonas à cidade de Laguna, no litoral catarinense, ao passo que as bandeiras, que mereceram tal título, avançaram para além dessa linha e nos deram um Brasil três vêzes maior.

“Portugal havia trazido as suas fronteiras até o litoral do Atlântico. A deslocação de tais fronteiras, para o centro da América, passa a ser obra puramente nossa, pôsto de lado o ciclo oficial das entradas, que eram investigações rápidas e cautelosas do mundo a explorar.”

*Com organização militar* — “Numeroso ou pequenino, o grupo tem sempre, nas linhas mestras, organização militar. Formam-o um chefe, que é o capitão do arraial, um ou mais lugares-tenentes e o grosso da tropa, composto em sua maioria de índios mansos. Se o bandeirante não tem índios seus, toma-os de aluguel.

“As expedições de maior vulto reclamam outras dignidades: o alferes-mor, o ronda-mor, o repartidor a quem compete a partilha dos índios apresados, o escrivão do arraial, o capelão.”

“O grosso da bagagem. . . são principalmente as armas.

“Armas de caça, tôdas elas. Umas, fraudulentas e amáveis: agulhas, carreiras de alfinêtes, pentes e foices de resgate, barretes vermelhos, fios ou ramais de “vallo-rio” ou contas de côres vivas com extremos de corais, bugigangas vistosas de que o branco se utiliza para iludir

---

(33) CASSIANO RICARDO LEITE, *Marcha para Oeste*, sem data

o indígena. Mas é de outras armas que o sertanista se vale para sempre.

“As necessidades da defesa pessoal e doméstica, em sociedade mal policiada como a dos dois primeiros séculos, não bastariam, por muito prementes que fôsem, para justificar o arsenal encontrado em mais de um espólio. Quatorze espingardas tem Bartolomeu Cacunda; seis escopetas e um bacamarte, Bento Ribeiro; cinco escopetas, um bacamarte e uma pistola de dois palmos, Antônio Bocado de Brito. Só a atividade predatória dos paulistas é capaz de explicar abundância tamanha.

“Em número menor do que faria supor a existência de tantos *potentados em arcos* nos arredores de Piratininga, são as armas indígenas que os inventários consignam. Um arco e uma dúzia de frechas pertencentes a Antão Pires; trinta frechas empenadas guarnecidas com um arco e noventa canos para frechas de camarigiba, deixados por Henrique da Costa; e nada mais. É que, fabricado pelos próprios índios frecheiros, o armamento lhes pertence, e por isso não vai incluído entre os bens do acervo.

“Muito mais numerosas são as armas brancas: espadas *de costela de vaca solta*, adagas *de couro de anta*, terçados feitos na terra. Na investida de 1639 contra os aldeamentos guairenhos, a gente de Manuel Preto e Antônio Raposo Tavares vai armada de machetes. São, porém, *de vestir* quase tôdas as lâminas que relampejam nas avaliações: *negras*, isto é, sem ponta, cabos abertos a buril *com sua adaga e mais aderêço necessário*, servem apenas de enfeite com que se pavoneiam os *potentados* nas festas da vila.

“Não será com a espada, nem com a frecha, que o paulista poderá desbaratar inimigo superior em número, conhecimento do terreno e desprêzo da vida. O que lhe assegura a vitória são a pólvora e a bala.

“Das armas de fogo portáteis a primeira a surgir, depois da colubrina de mão, é o arcabuz. Ao tempo dos inventários, êsse antepassado remoto da carabina ia resvalando

para o rol das velharias. Quatro ou cinco exemplares figuram nos espólios.

“A voga é das escopetas. Encontrâmo-las de quatro a seis e meio palmos, munidas de fecharia portugueza ou de fechos de segurilho, e acompanhadas de suas fôrmas de pelouro e munição, de sua bôlsa, borracha, polvarinho e chaveta, de seus aparelhos de sacatrapo. Umas, oitavadas tôdas; outras, com uma oitavadura na bôca.

“Revestem-se por vêzes de metal precioso. *Atrombetada de prata* é a de Francisco R. Morais. Tais anéis de prata ornamentam a de Estêvão Ribeiro Baião. Quatro anéis e guarda-mão e trombeta e vacateador de prata e *um letreiro que diz João Pires Monteiro*, tem a descrita no inventário de Sebastiana Leite.

“Surgem as espingardas de pederneira, com fechos portuguezes ou estrangeiros, avaliadas juntamente com *seu aviamento de fôrmas que são duas bôlsas e polvarinho e bôrra, com os polvarinhos e a sua fôrma de munição e pelouro, com o candieiro, com a fôrma de ferro de fazer perdigotos*. Algumas se enfeitam de anéis de latão. Outras, prateadas, com trombeta de prata. Distinguem-se entre tôdas as de M. P. Gato, assim descritas complacientemente pelos avaliadores deslumbrados: uma de três palmos e meio, com trombeta e ponta de prata, e mira, e guarda-mão, fechos portuguezes, e rendidura no cão; uma de três palmos de comprido, com mira e ponto, guarda-mão, soquete e três anéis, tudo de prata, com suas chapas no couce e nas faces do couce também de prata, e fechos portuguezes. De riqueza menor são as armas de fogo compridas que deixa Estêvão Garcia. Mas de valor mais alto para nós, porque têm *coronha paulista*, e a *patrona com seu polvarinho à paulista* lhes serve de complemento.

“De espingardas clavinas ou carabinas se fala nos inventários de Manuel Garcia Velho e outros. Bacamartes, dois ou três. Algumas pistolas portuguezas com o cano de bronze e fechos estrangeiros.

“Vai a gente seguindo o rol monótono dos instrumentos de morte, quando irrompe de súbito um canhão de quatro palmos e meio. Um canhão! O espanto dura apenas um minuto. Porque o valor mesquinho, quatro mil réis lhe dão os louvados, denuncia que a suposta máquina de artilharia é apenas um cano de espingarda.

“Outra surpresa: entre as escopetas de Fernando Camargo se apresenta uma *taquari*. Que arma de fogo será essa de nome crioulo?

“Pobríssimo o capítulo de peças de armadura: um capacete, um broquel de aço, duas rodelas de pano. Dessas rodelas ou escudos redondos é que vai munida a tropa vicentista no assalto às reduções de Guairá.

“A armadura que o ambiente reclama, encontram-a os paulistas. São as *armas de algodão acolchoadas*. É o *gibão de armas de algodão de vestir*, adaptação da velha jaqueta medieval às condições do meio americano. É o escupil, já anteriormente usado pelos espanhóis nas guerras contra o gentio do México, do Peru e do Chile. É uma carapaça de couro cru, recheio de algodão, fôrro de baeta. Tanto basta para proteger o corpo, à maneira das cotas de malha, contra a penetração das setas inimigas. BASÍLIO DE MAGALHÃES cita uma carta régia de 1684, em que se recomenda a Duarte Chaves, governador do Rio de Janeiro, que envie ao governador de Angola, até sessenta dos gibões feitos *na forma de que usam os sertanejos de S. Paulo*. O preço do gibão de armas é muitíssimo elevado: onze mil réis.” (34)

*E intuitos mercantis* — Digna de transcrição, a despeito das falhas notórias que apresenta, é a classificação das bandeiras organizadas por CASSIANO RICARDO, em *Marcha para Oeste*: “1 — bandeira de catequese; 2 — bandeira de aliciamento do índio à lavoura; 3 — quanto ao seu objetivo econômico: a) bandeira de ouro de lavagem;

---

(34) ALCÂNTARA MACHADO, obra citada

*b)* de esmeraldas; *c)* de prata; *d)* de mineração; *e)* de povoamento; 4 — quanto aos seus elementos raciais: *a)* bandeira de brancos; *b)* bandeira de tupis e negros; *c)* de brancos e tupis (a de Raposo Tavares); *d)* de mamelucos (a de Fernão Dias Pais); *e)* bandeira de tôdas as raças; 5 — quanto aos meios de condução: *a)* bandeira fluvial e marítima; *b)* pedestre, xerográfica; *c)* bandeira a cavalo; 6 — quanto à área geográfica em que operam os grupos bandeirantes: *a)* bandeira mineira; *b)* bandeira goiana; *c)* bandeira matogrossense; *d)* bandeira do sul; 7 — quanto aos seus fins militares: *a)* bandeira de guerra ao índio (contra bárbaros do Recôncavo e contra os carijós); *b)* bandeira de guerra aos negros (contra os quilombos); *c)* bandeira de guerra ao espanhol (as do sul); *d)* contra o invasor holandês; *e)* contra o emboaba.”

Excluído o primeiro grupo, cuja inclusão na chave não se compreende bem, ficam os outros seis, constituídos das verdadeiras bandeiras: as de caráter mercantil, porque frutos de uma época dominada, não pela doutrina (que inexistiu), mas pela prática do mercantilismo. RENÉ FÜLÖP-MILLER, na sua monografia já hoje clássica, traça com largueza de vistas as lutas que os jesuítas tiveram de sustentar, em nome da religião, com os colonos, cristãos também, não há dúvida, mas, primeiro que tudo, homens ávidos de prazeres e de riquezas fáceis. Cristãos egoístas, aos colonos só lhes interessava a própria salvação. Que os índios se danassem pouco se lhes dava. Vinham da Europa, de além-mar, ansiosos por enriquecer sem maiores tropeços. Com êsse fito é que se embrenhavam pelos sertões inóspitos, arrostando todos os perigos, indiferentes aos sóis e às chuvas. Nas cidades e nos portos, da mesma forma, tudo girava em tórno de interêsses comerciais. Isto desde o extremo norte até o extremo sul da América. O que explica não só as carnificinas de Guairá e Igarassu como ainda os incidentes havidos entre inacianos e o go-

vernador de Frontenac, em Quebec, por causa da venda de aguardente aos aborígenes<sup>(35)</sup>.

*As quais expedições, a partir do século XVII* — “Com o século XVII começa a grande era das bandeiras paulistas. Com êle enceta o Brasil, que amanhecia, a sua penetração definitiva Brasil a dentro. O núcleo piratiningano, pião dêste movimento, já compreendia, além dos poucos reinóis, numerosos euro-americanos, uns e outros ávidos de aventuras selváticas. E os espanhóis trouxeram-lhe volumosa afusão a que representam os nomes seculares de Bueno, Camargo, Godói, Lara, Quadros e outros mais.

“As contribuições italiana, francesa e inglesa nele seriam sobremodo restritas representadas por alguns patronímicos que rápidamente se lusitanizaram.

A influência nórdica se faria sentir através das Flandres documentadas pelos nomes de Taques, Lems, Betting, Wandenburg, lusitanizados em Campos, Leme, etc. O grande propulsor inicial do movimento entradista seria D. Francisco de Sousa, cuja memória gratamente se gravaria na memória das gerações paulistas.

“Pertencia o Governador-Geral, senhor de Beringel, à grande raça dos eldorado-maniacos tão largamente representada em sua centúria pelos Cortez, Pizarro, Balboa, Valdivia, Orellana, Raleigh e tantos mais.

“Já em 1601 despacha André de Leão à testa de grande bandeira a busca de jazigos argentíferos. Desta importantíssima jornada existe o relato de um de seus componentes, o holandês Glimmer.

“É fora de dúvida que o seu itinerário encetou-se por largo percurso ao longo do Paraíba. Venceu a entrada a serra da Mantiqueira e daí em diante a sua caminhada mostra-se tudo quanto há de mais vago. Analisada por DERBY e CALÓGERAS admite-se que haja atingido as nascentes do São Francisco, em busca de serra argentífera já

---

(35) RENÉ FÜLÖP-MILLER, *Macht und Geheimnis der Jesuiten*, 1929.

então famosa em sua miragem, a de Sabarabuçu. Dela o seu cabo tinha noticia e não foi encontrada como era de esperar.

“Em abril de 1602 voltava Leão a São Paulo.” (36)

*Foram demandando o sertão* — Eis, na pena de CAPISTRANO DE ABREU (37), o roteiro das bandeiras: “Os bandeirantes, deixando o Tietê, alcançaram o Paraíba do Sul pela garganta de São Miguel, desceram-no até Guapacaré, atual Lorena, e dali passaram a Mantiqueira, aproximadamente por onde hoje a transpõe a E. F. Rio e Minas. Viajando em rumo de Jundiá e Mogi, deixaram à esquerda o salto de Urubupungá, chegaram pelo Parnaíba a Goiás. De Sorocaba partia a linha de penetração que levava ao trecho superior dos afluentes orientais do Paraná e do Uruguai. Pelos rios que desembocam entre os saltos de Urubupungá e Guairá, transferiram-se da bacia do Paraná para a do Paraguai, chegaram, a Cuiabá e a Mato Grosso. Com o tempo, a linha do Paraíba ligou o planalto do Paraná ao do São Francisco e do Parnaíba, as de Goiás e Mato Grosso ligaram o planalto amazônico ao rio-mar pelo Madeira, pelo Tapajós e pelo Tocantins.”

---

(36) AFFONSO DE TAUNAY, *História das Bandeiras Paulistas* referida

(37) CAPISTRANO DE ABREU, *Capítulos de História Colonial*, 1934